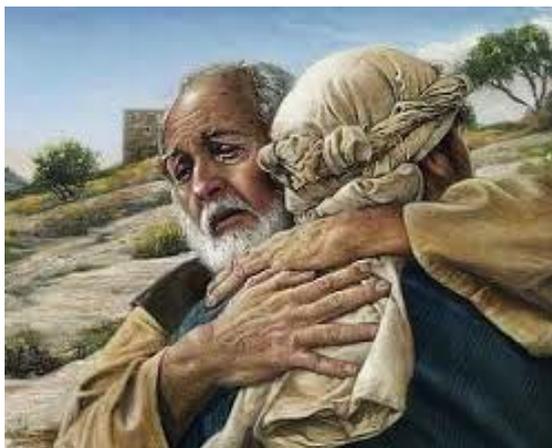


Domingo IV da Quaresma - Ano C – 30 março 2025



Lætare

A palavra latina *lætare* (alegra-te), designa, classicamente, o IV Domingo da Quaresma, porque assim começa o texto do seu cântico de entrada ou introito: «Lætare, Jerusalem», texto de Isaías (66,10): «Alegra-te, Jerusalém; rejubilai, todos os seus amigos...» Dava-se a este domingo um tom de alegria porque coincide com o meio da Quaresma e, portanto, introduz a perspectiva de proximidade do final do jejum e a alegria da Páscoa. Também se chamava «Dominica in mediana». Neste domingo, a meio do jejum, sublinhava-se o tom de alegria e de respiração, ao permitir-se a música instrumental e as flores. Os paramentos dos ministros podem ser cor-de-rosa. Dicionário elementar de liturgia

Viver a Palavra

No IV Domingo deste itinerário quaresmal somos convidados a saborear e a contemplar a bondade e a ternura de Deus que preenche as nossas vidas com uma alegria inaudita que nos impele a ser testemunhas do Evangelho do amor e da misericórdia como recorda o Papa Francisco: «a Alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria» (EG 1).

A liturgia da Palavra deste Domingo, também designado **Domino Laetare**, está marcada por esta alegria que não é mero sentimento de contentamento, mas a certeza da presença terna e misericordiosa de Deus: a alegria do Povo de Israel que celebra pela primeira vez a Páscoa na terra de Canaã, fazendo memória festiva da certeza de um Deus que salva, conduz e liberta o Seu Povo para o conduzir à terra da promessa; a alegria que se converte em louvor e reconhecimento e faz cantar com as palavras do salmista “saboreai e vede como o Senhor é bom”; a alegria de um Deus que faz novas todas as coisas e, por isso, faz de cada homem e de cada mulher uma nova criatura, reconciliada com o Pai em Cristo Jesus; a alegria inaudita de um pai que não conhece caminhos sem saída e que vive na soleira da porta esperando o filho que partiu para longe, para que no abraço do perdão se faça a festa da alegria reencontrada.

A contemplação do rosto belo, misericordioso e compassivo do Pai que é apresentado por Jesus ensina-nos que no centro da nossa vida não pode estar o pecado, a culpa ou a pesada consciência do mal que cometemos, mas a infinita misericórdia de Deus.

Todos se aproximam de Jesus: publicanos, pecadores, escribas e fariseus. Os publicanos e pecadores encontram em Jesus um rosto de esperança e uma palavra de alento que pode oferecer um novo sentido às suas vidas. Os escribas e fariseus murmuram entre si, pois a atitude de Jesus desconcerta os que vivem numa posição de superioridade moral e religiosa: «este homem acolhe os pecadores e come com eles».

Diante destes ouvintes, Jesus conta a parábola do Pai Pródigo, pois ao contrário do que tantas vezes dizemos, o único pródigo desta parábola é o pai que distribui com abundância o amor, a misericórdia, o perdão e o acolhimento. Por isso, o grande protagonista desta parábola é o Pai que acolhe o filho que livremente abandonou a casa paterna, mas que regressa ao único lugar onde pode ser verdadeiramente livre.

Na verdade, é este abraço que o faz percorrer a estrada da conversão e da vida nova. Ele regressa para casa, não porque na verdade tenha já percorrido um caminho de conversão e arrependimento. Não se trata de um arrebate de consciência, mas de um arrebate de estômago: «quantos trabalhadores de meu pai têm pão em abundância, e eu aqui a morrer de fome». Ensaia um discurso e decide voltar a casa como um criado, mas o pai surpreende-o. Ainda vem longe, quando o pai corre ao seu encontro de braços abertos e sem lhe permite terminar o discurso, pede uma túnica, o anel e as sandálias, restituindo-lhe a dignidade de filho.

É verdade que nos revemos facilmente neste filho que abandona a casa paterna. Contudo, a parábola não termina sem referir a dificuldade do filho mais velho em fazer festa pelo regresso do irmão e, por isso, tantas vezes nos podemos também identificar com esta atitude. Porém, como filhos amados e reconciliados pelo amor

do Pai, somos chamados a transformar o nosso coração para que se torne um lugar de misericórdia e compaixão, acolhimento e perdão para que nas nossas vidas resplandeça a certeza proclamada por S. Paulo: «se alguém está em Cristo, é uma nova criatura. As coisas antigas passaram; tudo foi renovado». *in Voz Portucalense*

+++++

O IV Domingo da Quaresma convida-nos a fixar o nosso olhar na infinita misericórdia de Deus que «acolhe os pecadores e come com eles». Percorrendo o nosso itinerário quaresmal, nesta semana somos chamados a viver de modo especial como portadores da misericórdia e da compaixão. A misericórdia de Deus transforma o nosso coração e a nossa vida e desafia-nos a fazer da nossa fragilidade lugar de encontro com a força que brota do coração de Deus. Por isso, transfigurados pelo amor de Deus, somos chamados a ser portadores da Sua bondade com quantos se cruzam connosco na estrada da vida. Comunitariamente poderão ser propostas e realizadas ações concretas que renovem a nossa consciência de paróquias missionários ao serviço de Deus e do Mundo. *in Voz Portucalense*

+++++

Já no **Tempo da Quaresma**, continuamos um novo Ano Litúrgico – Ano C - onde seremos acompanhados pelo evangelista Lucas. Tendo em vista a formação bíblica dos fiéis e a importância do conhecimento da Sagrada Escritura como Palavra que ilumina a vida dos batizados, o contexto do início do Ano Litúrgico pode ser uma oportunidade para um encontro ou até vários encontros, sobre o Evangelista deste ano litúrgico.

Como se diz acima, durante **todo este ano litúrgico – 2024/2025 -**, **acompanhamos o evangelista Lucas** em grande parte das proclamações do Evangelho. Deste modo, como preparação complementar, poderá ser oportuna uma proposta de formação para todos os fiéis acerca do Evangelho de S. Lucas.

E faremos isso....

Em anexo à Liturgia da Palavra e, também, num separador próprio, da página da paróquia de Vilar de Andorinho, ficará disponível um texto sobre o evangelista Lucas. Poderão melhorar os conhecimentos bíblicos –Novo Testamento e Antigo Testamento – em <https://paroquiavilarandorinho.pt/fbiblica/>. Proporciona-se a todos os fiéis, um maior conhecimento deste precioso tesouro que é a Sagrada Escritura.

LEITURA I – Josué 5,9a.10-12

Naqueles dias,

disse o Senhor a Josué:

«Hoje tirei de vós o opróbrio do Egito».

Os filhos de Israel acamparam em Gálgala

e celebraram a Páscoa,

no dia catorze do mês, à tarde,

na planície de Jericó.

No dia seguinte à Páscoa,

comeram dos frutos da terra:

pães ázimos e espigas assadas nesse mesmo dia.

Quando começaram a comer dos frutos da terra,

no dia seguinte à Páscoa,

cessou o maná.

Os filhos de Israel não voltaram a ter o maná,

mas, naquele ano,

já se alimentaram dos frutos da terra de Canaã.

CONTEXTO

O Livro de Josué é uma reflexão sobre a história do Povo de Deus no período que vai desde a sua entrada em Canaã até à morte de Josué (talvez por meados do séc. XII a.C.). Descreve sobretudo a conquista da Terra Prometida (cf. Js 1,1-12,24) e a distribuição do território pelas tribos (cf. Js 13,1-21,45). Um apêndice final, redigido provavelmente durante o Exílio na Babilónia, refere a despedida e a morte de Josué, bem como a notícia de uma reunião geral de tribos em Siquém, antes da morte de Josué (cf. Js 22,1-24,33).

Em geral, a preocupação dos autores da “escola deuteronomista” que compuseram este livro é mais de carácter teológico do que histórico. Por exemplo, a conquista da Terra é apresentada como uma campanha fulgurante e fácil em que as doze tribos a uma só voz, sob a liderança de Josué, se apoderaram facilmente de toda a Terra. Mas, historicamente as coisas não aconteceram dessa forma... O livro dos Juizes, muito mais realista, fala de uma conquista lenta, difícil (cf. Jz 1) e incompleta (cf. Jz 13,1-6; 17,12-16), que não foi obra de um povo unido à volta de um chefe único, mas de tribos que fizeram a guerra isoladamente. Mais do que descrever factos históricos, os autores do livro estão interessados em afirmar o poder de Javé, posto ao serviço do seu Povo. Foi Deus – e não a capacidade militar das tribos – que, com os seus prodígios, ofereceu a Israel a Terra Prometida; Israel, por sua vez, deve responder a esse dom mantendo-se fiel à Aliança e aos mandamentos.

O texto que a liturgia deste quarto domingo da Quaresma nos propõe como primeira leitura pertence à primeira parte do livro. Situa-nos em Guilgal, um lugar que ainda não foi localizado, mas que devia situar-se não longe do rio Jordão, a nordeste da cidade de Jericó. Os israelitas, vindos do deserto, tinham acabado de atravessar o rio Jordão e detiveram-se nesse lugar. Aproximava-se a celebração da primeira Páscoa na Terra Prometida e só os circuncidados podiam celebrá-la e participar da refeição pascal (cf. Ex 12,44.48); por isso, Josué ordenou que passassem pelo rito da circuncisão todos os membros do povo que ainda não tinham sido circuncidados (cf. Js 5,1-8). O nosso texto refere o que aconteceu, logo depois da conclusão do rito, em Guilgal. *in Dehonianos.*

INTERPELAÇÕES

- Somos convidados, neste tempo de Quaresma, a uma experiência semelhante à que fez o Povo de Deus que acampou em Guilgal, depois de ter passado o rio Jordão: é tempo de deixarmos para trás a fase da escravidão e de começarmos a pensar e a agir em termos novos, fixando o nosso olhar em horizontes mais amplos, que deem à nossa vida uma dimensão de eternidade; é tempo de nos libertarmos da mentalidade de escravos, de visões estreitas e egoístas, de valores que nada valem, de apostas que não levam a nenhum lado, e de passarmos a viver como pessoas livres, que caminham decididamente ao encontro de uma vida com sentido; é tempo de acordarmos da letargia e da estagnação em que vivemos, a fim assumirmos um papel ativo na construção do projeto que Deus tem para o mundo e para os homens. Estamos dispostos, neste tempo de Quaresma, a operar essa mudança?
- A circuncisão era, para os israelitas, um sinal físico de pertença ao povo eleito de Deus, ao povo comprometido numa Aliança com Deus. Os profetas, contudo, disseram repetidamente que a circuncisão, enquanto rito externo, nada significava, pois não garantia o envolvimento e o compromisso do povo com Deus. Em seu lugar, os profetas de Israel pediram aquilo a que chamaram a “circuncisão do coração” (Dt 10,16; Jr 4,4; cf. Jr 9,25): uma purificação do coração, uma transformação interior, uma renovação da mente, uma “conversão” que leve o ser humano a aproximar-se novamente de Deus, a escutar outra vez Deus, a obedecer a Deus, a caminhar com Deus, a viver segundo Deus. O que é que, na nossa forma de viver, de pensar e de atuar precisamos de “cortar” ou de transformar para renovar a nossa vida e a nossa relação com Deus? O que é que ainda nos impede de celebrar um verdadeiro e efetivo compromisso com Deus?
- O batismo marcou, para nós, o momento em que nos comprometemos com Deus e passamos a fazer parte da família de Deus. Nesse dia, dissemos não à escravidão do egoísmo e do pecado e comprometemo-nos a viver a vida nova de Deus. Fomos ungidos com o óleo dos catecúmenos e recebemos a força de Deus para dizer “não” ao mal; fomos também ungidos com o óleo do crisma, que nos constituiu sacerdotes, profetas e reis, à imagem de Jesus, membros do povo da nova Aliança; fomos envolvidos numa veste branca e foi-nos pedido que nos mantivéssemos assim, vestidos de Deus, ao longo de todo o nosso caminho; recebemos a luz de Cristo e fomos convidados a nunca deixar apagar essa luz nas nossas vidas... Temos vivido na fidelidade a essa vida nova? A Quaresma não será um tempo favorável para renovarmos o nosso compromisso batismal e para regressarmos a essa fonte de vida nova onde mergulhamos no dia em que fomos batizados? *in Dehonianos.*

SALMO RESPONSORIAL – Salmo 33 (34)

Refrão: Saboreai e vede como o Senhor é bom.

**A toda a hora bendirei o Senhor,
o seu louvor estará sempre na minha boca.**

**A minha alma gloria-se no Senhor:
escutem e alegrem-se os humildes.**

**Enaltecei comigo ao Senhor
e exaltemos juntos o seu nome.**

**Procurei o Senhor e Ele atendeu-me,
libertou-me de toda a ansiedade.**

**Voltai-vos para Ele e ficareis radiantes,
o vosso rosto não se cobrirá de vergonha.**

**Este pobre clamou e o Senhor o ouviu,
salvou-o de todas as angústias.**

LEITURA II – 2 Coríntios 5,17-21

Irmãos:

Se alguém está em Cristo, é uma nova criatura.

**As coisas antigas passaram; tudo foi renovado.
Tudo isto vem de Deus,
que por Cristo nos reconciliou consigo
e nos confiou o ministério da reconciliação.
Na verdade, é Deus que em Cristo reconcilia o mundo consigo,
não levando em conta as faltas dos homens
e confiando-nos a palavra da reconciliação.
Nós somos, portanto, embaixadores de Cristo;
é Deus quem vos exorta por nosso intermédio.
Nós vos pedimos em nome de Cristo:
reconciliai-vos com Deus.
A Cristo, que não conhecera o pecado,
Deus identificou-O com o pecado por causa de nós,
para que em Cristo nos tornemos justiça de Deus.**

CONTEXTO

A Primeira Carta aos Coríntios (que criticava alguns membros da comunidade por atitudes pouco condizentes com os valores cristãos) provocou uma reação extremada de alguns cristãos de Corinto. Aproveitando a ocasião, alguns adversários de Paulo (pelo contexto, não se percebe exatamente se são esses “judaizantes” que queriam impor aos pagãos convertidos as práticas da Lei, ou se são cristãos que aceitam o laxismo da vida dos coríntios e que criticam a severidade de Paulo) organizaram uma campanha no sentido de o desacreditar. Acusaram-no de anunciar o Evangelho por interesses pessoais e ainda de apresentar uma mensagem que não estava em consonância com a doutrina dos outros apóstolos. Paulo, informado de tudo, dirigiu-se apressadamente para Corinto e teve um violento confronto com os seus detratores. O choque deve ter deixado marcas na comunidade. Depois, Paulo dirigiu-se para Éfeso.

Algum tempo depois, Tito, amigo de Paulo, fino negociador e hábil diplomata, partiu para Corinto, a fim de acalmar os ânimos dos coríntios e tentar a reconciliação. Paulo, entretanto, deixou Éfeso e foi para Tróade. Foi aí que reencontrou Tito, regressado de Corinto. As notícias trazidas por Tito eram animadoras: o diferendo fora ultrapassado e os coríntios estavam, outra vez, em comunhão com Paulo.

Reconfortado, Paulo escreveu uma “carta de reconciliação” na qual fazia uma tranquila apologia do seu apostolado (cf. 2 Cor 1,3-7,16) e desmontava os argumentos dos adversários (cf. 2 Cor 10,1-13,10). Juntou também, no mesmo escrito, algumas instruções acerca de uma coleta em favor dos pobres da Igreja de Jerusalém (cf. 2 Cor 8,1-9,15). Apareceu, assim, a nossa segunda carta de Paulo aos Coríntios. Estamos nos anos 56/57. O texto que nos é proposto integra a primeira parte da carta (cf. 2 Cor 1,3-7,16). Aí, Paulo procura desfazer alguns mal-entendidos com os coríntios, dá notícias e, sobretudo, explica quais os princípios que sempre nortearam a sua ação apostólica. O que o move é o amor a Cristo. Tudo o que ele tem feito junto dos coríntios é para os ajudar a acolher Cristo nas suas vidas. *in Dehonianos.*

INTERPELAÇÕES

- Em tempo de Quaresma, Paulo fornece-nos a chave de leitura para “ler” os mistérios da fé que iremos celebrar dentro de alguns dias, no chamado Tríduo Pascal: com a sua vida, com a sua proposta, com a sua entrega por todos, com o seu amor até ao extremo, Cristo derrotou o pecado e a maldade e ensinou-nos a viver num outro dinamismo, o dinamismo do amor. Não foi iniciativa nossa, mas foi uma iniciativa de Deus. Foi Deus que, sem se deixar impressionar pelos nossos amos e pela nossa autossuficiência, nos enviou o seu filho Jesus para nos mostrar como nos amava, para nos oferecer a possibilidade de ultrapassar o passado e de viver uma vida nova. Convém que, quando olharmos para a cruz de Jesus tenhamos isto presente, a fim de entendermos o extraordinário dom que Deus nos faz. Conscientes de tudo isto, como é que nos propomos responder à oferta de Deus? Tocados pelo amor de Deus – bem evidente na vida e na entrega de Jesus – queremos ultrapassar o nosso egoísmo e o nosso orgulho para vivermos reconciliados com Deus? O “dia novo” da Páscoa poderá ser, para nós, um “tempo novo”, o tempo em que vivemos “reconciliados” com Deus?
- Paulo, desde que se encontrou com Cristo e que entendeu o sentido da sua vida, da sua morte e da sua ressurreição, tornou-se “embaixador” de Cristo no mundo, arauto dessa obra de “reconciliação” que Cristo veio realizar. Paulo entendia que há propostas tão belas e tão transformadoras que não podem ficar silenciadas e esquecidas: é preciso que alguém as anuncie e explicita para que essas propostas mudem o mundo e as vidas dos homens. Ora, a proposta que Deus nos fez através de Cristo é uma delas. Tem de ser convenientemente publicitada e testemunhada para que todos possam conhecê-la e, conhecendo-a, nascer para uma nova realidade. Nós que nos encontramos com Cristo e que nos consideramos discípulos de Cristo somos, como Paulo, “embaixadores de

Cristo” junto dos nossos irmãos? Anunciamos e testemunhamos aos nossos irmãos e irmãs, com toda a nossa vida, com todas as nossas forças, com todo o nosso entendimento, com todo o nosso coração, a proposta de “reconciliação” que Cristo nos veio oferecer?

- Paulo fala, neste texto, da “reconciliação” com Deus. Não fala explicitamente da “reconciliação” com os irmãos. Mas, quando escreve as palavras que lemos, ele está angustiado pelo conflito que o distancia dos seus queridos filhos de Corinto. Ora, Paulo sabe que só será possível a reconciliação entre os irmãos desavindos se, antes, esses irmãos descobrirem o amor de Deus e aceitaram viver no dinamismo do amor. Quem descobre o amor de Deus e vive reconciliado com Deus, percebe que deve viver reconciliado com os seus irmãos. Nós, os que fomos tocados pelo amor de Deus, procuramos viver reconciliados com todos os nossos irmãos? Testemunhamos o amor de Deus vivendo em paz e harmonia uns com os outros? *in Dehonianos.*

EVANGELHO – Lucas 15,1-3.11-32

Naquele tempo,

os publicanos e os pecadores

aproximavam-se todos de Jesus, para O ouvirem.

Mas os fariseus e os escribas murmuravam entre si, dizendo:

«Este homem acolhe os pecadores e come com eles».

Jesus disse-lhes então a seguinte parábola:

«Um homem tinha dois filhos.

O mais novo disse ao pai:

‘Pai, dá-me a parte da herança que me toca’.

O pai repartiu os bens pelos filhos.

Alguns dias depois, o filho mais novo, juntando todos os seus haveres, partiu para um país distante e por lá esbanjou quanto possuía, numa vida dissoluta.

Tendo gasto tudo,

houve uma grande fome naquela região

e ele começou a passar privações.

Entrou então ao serviço de um dos habitantes daquela terra, que o mandou para os seus campos guardar porcos.

Bem desejava ele matar a fome

com as alfarrobas que os porcos comiam, mas ninguém lhas dava.

Então, caindo em si, disse:

‘Quantos trabalhadores de meu pai têm pão em abundância, e eu aqui a morrer de fome!

Vou-me embora, vou ter com meu pai e dizer-lhe:

Pai, pequei contra o Céu e contra ti.

Já não mereço ser chamado teu filho, mas trata-me como um dos teus trabalhadores’.

Pôs-se a caminho e foi ter com o pai.

Ainda ele estava longe, quando o pai o viu:

encheu-se de compaixão

e correu a lançar-se-lhe ao pescoço, cobrindo-o de beijos.

Disse-lhe o filho:

‘Pai, pequei contra o Céu e contra ti.

Já não mereço ser chamado teu filho’.

Mas o pai disse aos servos:

‘Trazei depressa a melhor túnica e vesti-lha.

Ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés.

Trazei o vitelo gordo e matai-o.

Comamos e festejemos,

porque este meu filho estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi reencontrado’.

E começou a festa.

Ora o filho mais velho estava no campo.

Quando regressou,

ao aproximar-se da casa, ouviu a música e as danças.

Chamou um dos servos e perguntou-lhe o que era aquilo.

O servo respondeu-lhe:

‘O teu irmão voltou

e teu pai mandou matar o vitelo gordo,

porque ele chegou são e salvo’.

Ele ficou ressentido e não queria entrar.

Então o pai veio cá fora instar com ele.

Mas ele respondeu ao pai:

‘Há tantos anos que eu te sirvo,

sem nunca transgredir uma ordem tua,

e nunca me deste um cabrito

para fazer uma festa com os meus amigos.

E agora, quando chegou esse teu filho,

que consumiu os teus bens com mulheres de má vida,

mataste-lhe o vitelo gordo’.

Disse-lhe o pai:

‘Filho, tu estás sempre comigo

e tudo o que é meu é teu.

Mas tínhamos de fazer uma festa e alegrar-nos,

porque este teu irmão estava morto e voltou à vida,

estava perdido e foi reencontrado’».

CONTEXTO

Jesus, rodeado pelos seus discípulos, caminha em direção a Jerusalém. Mais do que um caminho físico, trata-se de um caminho espiritual: as “lições” que Jesus, a cada passo, vai dando aos discípulos, preparam-nos para acolher e para, mais tarde, testemunhar o Reino de Deus.

Uma dessas “lições” refere-se à forma como Deus vê aqueles homens e mulheres que a sociedade marginaliza e condena. As chamadas “parábolas da misericórdia de Deus”, contadas por Jesus, dão conta da preocupação de Deus pelos seus filhos “perdidos” (cf. Lc 15,1-32). No cenário montado por Lucas, essas parábolas são a resposta de Jesus ao comentário escandalizado dos escribas e fariseus: “este homem acolhe os pecadores e come com eles” (Lc 15,2-3).

De facto, o acolhimento que Jesus dispensava às pessoas pouco recomendáveis era muito comentado pelos líderes religiosos judaicos. Nesse grupo de gente pouco recomendável estavam aqueles que Lucas chama “os pecadores” e “os publicanos” (Lc 15,1). O grupo dos “pecadores” incluía todos aqueles que desobedeciam escandalosamente à Lei e levavam vidas desregradas: os usurários, os vigaristas, os delinquentes, as prostitutas. Os “publicanos” eram os cobradores de impostos, que colaboravam com os romanos na opressão do povo e tinham fama de roubar os pobres cobrando mais do que estava estipulado. As autoridades religiosas judaicas viam-nos como “malditos” e colocavam-nos à margem da salvação. Nenhuma “pessoa de bem” gostava de estar associada a esta gente. Mas Jesus tinha grandes amigos entre esses marginais e não tinha qualquer problema em sentar-se com eles à mesa. Não excluía ninguém e achava que todos eram bem-vindos à comunidade do Reino de Deus. Essa benevolência de Jesus para com aqueles que a moral, os bons costumes e a Lei condenavam, era algo de inaudito, de escandaloso, de vergonhoso, de incompreensível.

A parábola que o Evangelho deste quarto domingo da Quaresma nos traz (Lc 15,11-32), é uma das mais conhecidas de Jesus. A tradução latina (a “Vulgata”), notando o espaço que o filho mais novo – um jovem que dissipa os bens da família numa vida dissoluta – tem nela, chama-lhe a “parábola do filho pródigo”; mas a maioria dos exegetas mais recentes, considerando que o papel do “pai” na parábola é central, chamam-lhe a “parábola do pai misericordioso. A parábola é exclusiva de Lucas: não aparece em mais nenhum dos evangelhos. *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- Para nós, homens e mulheres do séc. XXI, quem é Deus? Como o vemos e entendemos? Deus interessa-nos? Tem lugar na nossa vida? Faz-nos alguma falta? A parábola do pai misericordioso, contada por Jesus, é para todos aqueles que se questionam sobre Deus e sobre o papel de Deus nas suas vidas. Jesus falava de Deus como um pai, um pai que ama os seus filhos para além de toda a medida, de toda a compreensão e de toda a lógica; um pai que respeita as decisões dos seus filhos, mesmo quando eles tomam decisões absolutamente disparatadas; um pai que não tem medo de passar vergonhas e de perder a sua “dignidade” de chefe da família por causa do seu amor; um pai que, quando avista os seus filhos humilhados e magoados, corre ao encontro deles e abraça-os com uma ternura sem fim; um pai que não critica, nem acusa, nem castiga, nem exige explicações, porque está apenas focado em amar; um pai cujo amor regenera e proporciona a cada passo aos

filhos uma vida nova e livre; um pai cujo desejo mais profundo é sentar-se com todos os seus queridos filhos, sem exceção, à volta da mesa familiar, numa festa sem fim. Nas nossas vidas, cheias de futilidade, de angústia, de solidão, de medos, de amores efémeros, de apostas falhadas, não fará falta um Deus que seja capaz de nos olhar com um olhar de pai e de mãe, com um olhar de amor?

- O “filho mais novo” da parábola, na sua ânsia de “aproveitar a vida”, vai resvalando progressivamente por um caminho sem saída. As suas opções vão-se reduzindo a cada passo. A dada altura, só lhe resta voltar para trás, regressar ao encontro do pai. Em linguagem cristã, esse “voltar para trás ao encontro do pai”, chama-se “conversão”. Implica uma mudança de perspetiva, de mentalidade, de valores, de atitudes; implica inverter o rumo da própria vida, renunciar ao egoísmo, ao orgulho e à autossuficiência e voltar a confiar em Deus. O tempo da Quaresma é um tempo favorável para a “conversão”, para inverter o rumo da vida e voltar para Deus. Na parábola do pai misericordioso, Jesus garante-nos que Deus nunca nos fechará as portas: estará sempre à nossa espera de braços abertos, pronto para nos acolher e para nos reintegrar na sua família. O perdão, consequência do amor, é uma das mais belas manifestações do ser de Deus. Renova-nos, regenera-nos, devolve-nos a esperança, oferece-nos um novo começo, traz-nos a paz, abre-nos as portas da esperança. Aceitamos, neste tempo de Quaresma, fazer a experiência pacificadora de nos sentirmos perdoados, acolhidos e abraçados pelo Pai?
- O “filho mais velho” da parábola nunca abandonou a casa do pai. A sua vida decorre sem sobressaltos, a trabalhar nos terrenos da família; cumpre as suas obrigações, obedece ao pai e nunca deu ao pai razões de queixa. Intui-se, no entanto, que a relação que ele tem com o pai está mais marcada pelo sentido do dever do que pelo afeto. Ele parece mais um servo cumpridor, do que um filho. Tem um sentido de “justiça” bastante rígido. Acha que quem é cumpridor deve ser recompensado e quem não cumpre as suas obrigações deve ser castigado e deixado para trás. O coração deste filho é seco e árido. Não conhece a misericórdia, a bondade, o amor, o perdão. Por isso, não compreende a “fraqueza” do pai em relação ao irmão que falhou; e nunca aceitará ou perdoará as escolhas erradas que o irmão fez. Conhecemos alguém assim? Como é que olhamos para aqueles que abandonaram a comunidade cristã? Como é que falamos daqueles que se consideram ateus ou daqueles que buscam Deus em caminhos diferentes dos nossos? Como é que vemos e tratamos aqueles que as leis canónicas consideram em situação irregular? O que vale, na forma como abordamos e tratamos os nossos irmãos, é o que está prescrito nas leis, ou consagrado num qualquer catálogo de “bons costumes”, ou é o amor, a bondade, a misericórdia, a compaixão?
- As razões que levam alguém a cortar os laços que o unem à família são as mais diversas. Algumas têm a ver com as contingências da vida e com o curso normal da vida; mas outras vezes o “corte” resulta de situações cuja responsabilidade pertence a um ou outro membro da família. Isso também acontece nas nossas comunidades cristãs. Os irmãos que se afastam da nossa comunidade cristã fazem-no sempre por comodismo pessoal ou por decisões egoístas, ou fazem-no por vezes porque os “irmãos mais velhos” não souberam acolhê-los e não se preocuparam em criar um clima fraterno? A nossa forma de viver a religião – tantas vezes formal, vazia, legalista – não será responsável pelo abandono de tantos homens e mulheres que não encontram entre nós uma proposta convincente de vida? As nossas liturgias solenes e majestosas, cheias de ritualismo, de pompa e circunstância, não desiludirão muitos irmãos que não conseguem encontrar Deus em todo esse aparato? As nossas divisões, conflitos, intrigas, invejas, não serão um contratestemunho para tantos homens e mulheres que veem a forma como vivemos?
- A parábola do pai misericordioso deixa no ar algumas questões: se Deus é assim, se Deus está sempre de braços abertos para acolher os filhos que fizeram escolhas erradas, vale a pena ser bom? Não será mais lógico “gozar a vida” o mais possível, sem problemas de consciência, uma vez que Deus tudo perdoa? Na verdade, a parábola é clara: a opção pela futilidade e pelos valores efémeros não é uma boa opção. O filho mais novo da parábola constatou isso mesmo: as suas escolhas erradas levaram-no para um beco sem saída e deixaram-lhe feridas quase fatais. Foi por ter percebido que aquele tempo longe do pai tinha sido um tempo perdido, que ele voltou para casa. Podemos, nós também escolher a autossuficiência e afastar-nos de Deus.... Será uma boa opção? Isso não será perder tempo? Podemos dar-nos ao luxo de desperdiçar a nossa breve vida em caminhos que não nos levam a lado nenhum? *in Dehonianos*.

Para os leitores:

A **primeira leitura** do Livro de Josué narra a primeira Páscoa do Povo de Israel celebrada na terra de Canaã. Por isso, a proclamação desta leitura deve ter presente o tom narrativo que marca todo este texto. Deve haver um especial cuidado na pronúncia das palavras mais difíceis: «*opróbrio*», «*Gálgala*» e «*ázimos*».

A **segunda leitura** abre com uma afirmação central: «*Se alguém está em Cristo, é uma nova criatura*». Esta frase deve ser lida com especial entoação pois marca a mensagem principal de todo o texto. O verbo

reconciliar é repetido cinco vezes, em diferentes tempos e modos. O cuidado na leitura das diferentes formas verbais contribuirá para uma melhor compreensão da mensagem e uma mais eficaz proclamação do texto

I Leitura: (ver anexo)

II Leitura: (ver anexo)

+++++

Quaresma: Caminhada para a Páscoa

TEMPO DE CONVERSÃO

Foi-te dito:

Rodeia-te de triunfadores.
Para que tua vida seja um êxito
serve-te de todos.

Retém em tua memória
o nome do rico,
e anota o telefone
do rosto feminino
que sorri no concurso.

Forra as paredes de tua casa
com assinaturas de pintores
de prestígio e de dinheiro.

Enche tua boca
com os nomes
que ocupam o cenário
da glória escorregadia.

Faz-te vizinho, compadre,
do seu clube e seu partido.
que todas estas famas
te emprestem o seu prestígio.

Mas a Palavra diz:

Senta à tua mesa
os que não podem
convidar-te a sua casa
arrastada pelo rio,
e empresta sem enrugar a cara
ao que não pode devolver-te
o teu dinheiro no prazo estipulado
porque as horas extras
se perderam no computador
da zona franca.

Haverão encontrado em ti
a resposta de Deus
à sua angústia quotidiana.
e tu sentirás atravessar
algo de Deus a passar
pelo centro de ti mesmo
para chegar até ao irmão.

Ao romper,
com este gesto de gratuita proximidade,
as leis e as cátedras do investimento bem calculado,

um manancial de eternidade
te chegará entre tuas pedras,
e fará de ti um servidor de todos,
cheio de graça e de sabor.

Benjamin González Buelta
in 'Salmos para sentir e saborear as coisas internamente'